



Universidade
Estadual de
Maringá



EDITORA DA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE MARINGÁ

Recebido: 16/09/2025

Aprovado: 20/12/2025

DOI: <https://doi.org/10.4025/rcj-uem.v8i3.81235>

RESENHA:

A PUNIÇÃO PERPÉTUA FORA DO CÁRCERE: UMA RESENHA CRÍTICA SOBRE SUZANE: ASSASSINA E MANIPULADORA

Mariana Manieri Pires Cardoso

Bacharel em Comunicação e Multimeios e graduanda em Direito, UEM.

Maringá– Paraná – Brasil

<https://orcid.org/0009-0007-2889-0358>

<http://lattes.cnpq.br/9732290843327173>

marianamanieripc@gmail.com

Resenha de:

CAMPBELL, Ullisses. **Suzane**: assassina e manipuladora. São Paulo: Matrix. 2024.

RESUMO:

A resenha analisa criticamente a biografia não autorizada "Suzane: assassina e manipuladora", de Ullisses Campbell, no contexto do crescimento do gênero *true crime* no Brasil e na transformação do crime em produto de entretenimento. Aborda-se à respeito do viés narrativo do autor, o qual orienta para a ficcionalização de um ser humano e sua história, bem como para uma punição simbólica que ultrapassa os limites do sistema penal. Ainda, discute-se a exploração midiática do caso da família Richthofen e seus impactos jurídicos, especialmente acerca da perpetuação da pena para além da sentença condenatória, dos direitos da personalidade e da liberdade de expressão.

PALAVRAS-CHAVE: True crime. Direitos da personalidade. Espetacularização do crime.

This work is licensed under [CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Como citar esta resenha:

CARDOSO, Mariana Manieri Pires. A punição perpétua fora do cárcere: uma resenha crítica sobre suzane: assassina e manipuladora. **Revista de Ciências Jurídicas UEM**, Maringá, v. 08, n. 03, e0026, set./dez. 2025.

RESENHA:

O fascínio e curiosidade pelas raízes e desdobramentos de casos de crimes reais têm crescido de forma exponencial, fazendo com que este gênero literário, de podcast e cinematográfico de não-ficção seja destaque nas prateleiras das livrarias, no catálogo de plataformas de streaming e na programação das salas de cinema. Os produtos de *true crime* detalham e expõem os caminhos que foram trilhados na prática de um crime, além de poder acompanhar os passos que são dados pelos criminosos depois de seus envolvimento com os fatos. Algo que tem atraído e mantido o interesse do público para o consumo desses trabalhos.

O reflexo é evidente em números, em dados coletados entre 2018 e 2021: a busca on-line pelo termo “crimes reais netflix” aumentou 1500%, por “filmes de crimes baseados em fatos reais”, cresceu em 250% e houve aumento de 350% na pesquisa por “caso Richthofen” (Barboza, 2023). Além disso, o *true crime* foi o subgênero com maior destaque na produção de séries documentais, que cresceu 63%. Enquanto na plataforma de áudio Spotify já há, pelo menos, 50 opções de podcasts brasileiros dedicados ao gênero só no Brasil, ultrapassando 30 mil em escala global e promovendo um crescimento de 52% no consumo de programas em áudio do gênero, entre 2021 e 2022 (Aragão, 2022).

O sucesso não é de agora. O início dos anos 2000 marcou a relevância e desejo por esse tipo de conteúdo para os consumidores brasileiros com o programa de televisão Linha Direta, produzido pela TV Globo, que apresentava crimes ocorridos pelo Brasil, que se encontravam sem solução e com seus autores foragidos da justiça. O suposto último episódio foi ao ar em 2007, mas com a volta da potência do gênero entre os brasileiros, uma nova edição do programa estreou em 2023, o que deixa claro como essa área é a nova mina de ouro das produtoras de entretenimento. Não importa o meio escolhido, desde o audiovisual ao literário, o retorno financeiro é garantido.

No entanto, o cuidado necessário para a abordagem dessas histórias, que são reais, com pessoas de verdade, que existiram e existem no mundo, possuem vínculos e uma trajetória verdadeira, muitas vezes não é seguido do melhor modo. A exploração desenfreada do gênero em questão, a competição para a retratação da narrativa entre as produtoras e o foco na lucratividade, tem promovido efeitos negativos para as personagens principais desses crimes. Desde as vítimas e seus familiares, os quais possuem a própria história, muitas vezes extremamente dolorosa, revirada infinitas vezes, até os próprios autores dos crimes, que não conseguem seguir em frente e reestruturarem o seu papel como cidadãos no mundo.

Um dos casos mais emblemáticos ocorridos no Brasil, envolve a família Richthofen, que passa pela exposição de sua história há mais de 20 anos. Na noite de 30 de outubro de 2002, o casal Manfred e Marísia Von Richthofen foram brutalmente assassinados, com golpes de barra de ferro e sufocamento, pelos irmãos

Daniel Cravinhos e Cristian Cravinhos. Daniel era namorado de Suzane Von Richthofen, filha do casal e uma das planejadoras do crime, a qual foi condenada, em 2006, a 39 anos e seis meses de prisão em regime fechado. Uma narrativa que não foi limitada a ocupar as notícias dos jornais transmitidos nas televisões ou impressos em papel, mas que também passou a existir no âmbito do entretenimento.

A passagem da presença do campo real para o campo ficcional possui ligação direta com os produtos desenvolvidos pelo jornalista, escritor e roteirista brasileiro, Ullisses Campbell. O autor, nascido em 1975, na cidade de Belém, no Estado do Pará, estreou sua carreira como escritor de livros biográficos com a história da família Von Richthofen, em 2020, com o livro *Suzane – assassina e manipuladora* (Campbell, 2020). Desde então, Campbell tem lançado um livro sobre crimes reais por ano, todos publicados pela Matrix Editora: *Elize Matsunaga – a mulher que esquartejou o marido* (Campbell, 2021), *Flordelis – a pastora do diabo* (Campbell, 2022), *Coleção Mulheres Assassinas: Suzane – Flordelis – Elize Matsunaga* (Campbell, 2023), *Francisco de Assis – o maníaco do parque* (Campbell, 2024) e *Tremembé – o presídio dos famosos* (Campbell, 2025).

A dedicação à primeira história retratada fez com que ela se desdobrasse em novos cinco trabalhos, sendo três filmes e um seriado, disponíveis na plataforma de *streaming* Prime Video, bem como mais um livro: *A Menina Que Matou Os Pais* (Eça, 2021a), *O Menino Que Matou Meus Pais* (Eça, 2021b), *A Menina que Matou os Pais - A Confissão* (Eça, 2023), *Tremembé – o presídio dos famosos* (Campbell, 2025b) e *Tremembé* (Eça, 2025). Assim, nota-se a exploração massiva referente à história de uma mulher que cometeu um crime, foi julgada criminalmente e socialmente e está cumprindo a pena que lhe foi imposta, mas que não consegue se desvencilhar da imagem que carrega por conta de um recorte específico de sua trajetória de vida.

Suzane Von Richthofen já foi expressa no seu desejo de não ter os fatos do crime transformados em uma narrativa que flerte com o ficcional, tentando, pelas vias judiciais, impedir que a biografia não autorizada sobre sua vida fosse lançada. Para isso, ela moveu um processo contra Campbell e a Matrix Editora, ocasionando na suspensão, divulgação e comercialização do livro, conforme orientação da Justiça do Estado de São Paulo, por meio da decisão da juíza Sueli Zeraik de Oliveira Armani, da comarca de São José dos Campos (Brisolla, 2019), antes mesmo da publicação de *Suzane – assassina e manipuladora* (Campbell, 2020).

A obra literária, de fato, perturbava o resguardo do direito da imagem de Suzane Von Richthofen, por conta dessa exploração e exposição da narrativa, conforme entendimento da juíza. Todavia, recursos da defesa dos réus ocasionaram na decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), a partir do ministro Alexandre Moraes, de que não há necessidade de autorização para publicação de biografias. Assim, a decisão de Armani feriu tal entendimento e se configurou como uma forma de censura prévia (Martines, 2019), fazendo com que Campbell adquirisse liberdade para o desenvolvimento de posteriores biografias não autorizadas.

Após a finalização de tal processo e três tentativas fracassadas de uma entrevista com Suzane, a qual deixou claro não ter o menor interesse em fornecer informações para a composição da biografia não autorizada, Campbell utilizou, principalmente, o processo penal que condenou Richthofen e os irmãos Cravinhos como base para a narrativa. Ademais, entrevistou 12 profissionais especializados em Psicologia Forense, psiquiatras e estudiosos de mentes criminosas, oito psicólogos especializados no exame de Rorschach, quatro promotores de justiça e dois peritos forenses. Por fim, promoveu entrevistas e encontros com 56 presas que cumpriram pena junto a Richthofen, 16 agentes de segurança e 15 detentos amigos dos irmãos Cravinhos, bem como realizou oito entrevistas com Cristian.

São muito mais de 100 indivíduos envolvidos para a construção da história que ocasionou no assassinato de Manfred e Marísia Von Richthofen, exceto a participação da pessoa que carrega o nome no título da biografia não autorizada, bem como estampa a capa com seu rosto, ou seja, Suzane Von Richthofen. É notável que Campbell já inicia a contação dessa história antes da abertura do livro, uma vez que a foto utilizada do rosto da mulher condenada é do registro do momento de sua identificação criminal, ou seja, indicando que o tom da narrativa será guiado por um viés institucional e criminal, afastando qualquer outra roupagem que Richthofen poderia utilizar.

Combinado à imagem de capa, o título da obra também completa a definição da jovem Suzane, a qual é adjetivada como “assassina” e “manipuladora” e que se desenrola no primeiro capítulo, A sangue frio. O autor inicia a narrativa fora da ordem cronológica dos fatos, haja vista que as primeiras páginas abordam sobre o dia, em 2013, que o psicólogo Thiago Luís da Silva adentra a Penitenciária Feminina Santa Maria Eufrásia Pelletier para realizar o Teste de Rorschach em Suzane, o qual consiste em uma avaliação psicológica projetiva de 10 imagens, formadas por manchas de tinta, que devem ser interpretadas pela pessoa que as esteja recebendo, ou seja, Richthofen. Assim, é possível avaliar a sua personalidade, seu funcionamento emocional e a capacidade de viver em sociedade. O pedido da aplicação do teste foi feito pela juíza Sueli Zeraik Oliveira Armani, para emissão de laudo que liberasse a progressão de Suzane para o regime semiaberto ou não.

No entanto, o que é apresentado ao leitor sobre o teste são os comportamentos sedutores de Suzane, a fim de seduzir o aplicador e se beneficiar com o resultado do laudo: uma “assassina” dentro da penitenciária e “manipuladora” a qualquer custo. Assim, Campbell a descreve como “célebre pelo potencial de seduzir com alta voltagem quem lhe interessa, descartar sumariamente as pessoas quando a utilidade termina e ignorar friamente quem não lhe traz proveito algum” (Campbell, 2023, p. 17), mas não se restringe apenas a potência sedutora psíquica, mas também física, ao registrar que o “figurino pobre não escondia a beleza do seu corpo longilíneo” (Campbell, 2023, p. 16), no que diz respeito ao uniforme da penitenciária, utilizado por Suzane.

Ainda, a escolha de não seguir a ordem cronológica dos fatos se mantém na continuação do primeiro capítulo, em que há uma abrupta volta no tempo para o exato momento do assassinato de Manfred e Marísia, em 2002. O início do livro com um começo tão chocante e impactante conduz o leitor para uma visão específica de Suzane, sem deixar espaço para qualquer primeira interpretação dos motivos que a levaram a cometer o crime que cometeu. A mulher já é lida como uma assassina inescrupulosa e cruel, sendo a mente do plano do crime, enquanto os irmãos Cravinhos foram o corpo da execução. O autor descreve detalhadamente a chegada de Suzane, Daniel e Cristian até a casa, bem como as ações praticadas pelos irmãos para assassinar os pais de Suzane, a quantidade de golpes feitos contra o casal, o volume de sangue que foi jorrado dos corpos e os esforços para finalizar a execução, além do pós-crime, em que Suzane e o namorado se dirigiram até um motel e estavam felizes que o plano havia funcionado. Assim, a obra já delimita o campo sensorial e moral do leitor antes mesmo de qualquer explicação contextual, colocando Suzane na posição de vilã absoluta e reduzindo as possibilidades de compreensão mais complexa sobre si.

Somente no capítulo dois, Encontro de almas, a narrativa desembarca em 1999, apresentando a estrutura da família Von Richthofen, que se tratava de forma fria, formal, distante e sem demonstração de afeto, sendo o traço mais forte de origem alemã dos Richthofen. É também o primeiro momento que Suzane tem contato com o Clube Escola de Aerodelismo, no Parque Ibirapuera, em São Paulo, onde conhece o futuro assassino de sua mãe. O autor deixa claro que nesse lugar, Suzane encontrou uma nova forma de viver, com toques de liberdade e leveza: “A garota corria pelo gramado de braços abertos como se fosse livre tal qual um pássaro no céu. Teve uma sensação estranha e tão curiosa quanto inexplicável. Parecia começar a viver, de verdade, naquele exato instante. Repentinamente, a autoridade dos pais a fez voltar para o mundo real” (Campbell, 2023, p. 39).

O namoro de Suzane e Daniel se inicia marcado por uma fuga da realidade que ela vivia em casa, um local cheio de restrições e sem amor da família. Muito diferente da relação com o namorado, que era repleta de paixão, com sentimentos arrebatadores e nunca antes experimentados pela jovem, quase como uma droga viciante. Por isso, passou a ser visto com maus olhos por Manfred e Marísia, que interpretavam como um relacionamento arrebatador e doentio de ambos, bem como obsessivo, já que ficavam juntos o tempo inteiro e até falavam de se matarem quando separados. Isso fez com que os pais proibissem o namoro, o qual passou a ser escondido.

Assim, o leitor passa a ser apresentado a uma personagem carregada de sentimentos muito potentes e intensos, acompanhada de um outro indivíduo muito semelhante e que buscam compartilhar a vida juntos a todo custo. No capítulo três, Reação em cadeia, os pais de Suzane viajam para fora do Brasil por 30 dias, deixando-a apenas com seu irmão em casa e criando o cenário perfeito para o seu romance com Daniel, momento em que ela percebe que só era feliz sem a presença dos pais, ou seja, para que isso acontecesse

de forma definitiva, apenas se eles estivessem mortos. Tal conclusão também é compartilhada por seu namorado, o qual alimenta a necessidade de eliminação, morte e sumiço dos pais para que fossem felizes. E é com a recapitulação do momento do assassinato que o autor amarra o desejo do casal com a concretização do mesmo. Desse modo, grande parte das escolhas do autor reforçam uma interpretação particular, fazendo com que sua visão pessoal prevaleça sobre o rigor documental.

Os momentos seguintes à morte do casal Richthofen são narrados no quarto capítulo, Natureza da ocorrência: latrocínio, em que diversos diálogos, inclusive com o envolvimento de Suzane, são mencionados, ainda que não tenha existido qualquer participação da mulher relatando o que viveu, falou ou como agiu ao autor da biografia não autorizada. Desse modo, temos a construção de uma personagem dissimulada e calculista por meio de relatos de outros sujeitos. Além disso, há o registro do enterro dos pais, os confrontos de Suzane com a polícia, bem como as suas visitas até a delegacia para a prestação de depoimentos. Estes chegam ao fim no capítulo cinco, Olhar glacial, momento em que os irmãos Cravinhos confessaram o cometimento do crime e Suzane, resistindo até o último momento, também confessou.

No capítulo seis, Os mortos de Suzane, são narrados os primeiros momentos da condenada em uma penitenciária. No final de 2002, a jovem iniciou a trajetória de compensação de seu crime na Penitenciária Feminina da Capital (PFC), onde foi constantemente ameaçada de morte e colecionou novas inimigas, quais sejam, comandantes e integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC). Suzane também teve que passar pelo distanciamento do seu irmão, Andreas, e pelo rompimento de seu namoro com Daniel, que terminou a relação por meio de uma carta. No entanto, ainda que as diversas dificuldades sejam retratadas, o autor expõe um cenário em que não há tanto sofrimento vivido, mas sim que Suzane, apesar de tudo, ainda conseguiu estreitar relações com personalidades importantes na sua realidade, bem como angariar benefícios e privilégios para tornar sua vivência na penitenciária mais tolerável. O seu advogado, Barni, ocupou também o espaço como pai, afinal “acabou criando um afeto paterno pela acusada, a quem chamava de filha. Ela devolveu o carinho o tratando como pai” (Campbell, 2023, p. 121), fazendo de tudo para que ela conseguisse ter o melhor processo criminal possível, ainda que tivesse envolvida no assassinato do próprio pai, papel que o advogado queria ocupar.

Assim, o autor reforça as capacidades de persuasão de Suzane, a forma como ela tinha facilidade de se relacionar com quem ela quisesse, bem como a trivialidade com que conseguia favores, vantagens e a empatia das pessoas. A agente de segurança penitenciária Marisol foi responsável por conseguir uma vaga de trabalho para Suzane no Posto de Saúde da cadeia, o qual era um posto almejado por diversas detentas, mas que não necessitou muito esforço para que Richthofen o conseguisse. Ali foi local onde estreitou laços com o médico penitenciário João Paulo Oliveira, o qual acabou se tornando seu confidente e partilhava notícias e dicas especiais para a detenta.

Esses aliados adquiridos na sua vivência na PFC foram os responsáveis por sua sobrevivência, que ficou por um triz após uma rebelião – retratada no capítulo sete, A vida na escuridão – promovida pelas integrantes do PCC, que queriam utilizá-la como refém. Ainda que o momento possa aflorar o afeto do leitor, esse sentimento pode logo se esvaír ao ser retratado que, por conta do acontecimento da rebelião, Suzane foi transferida para o Centro de Ressocialização Feminino (CRF), no município de Rio Claro, em 2004. O autor caracteriza o espaço como “um verdadeiro luxo em se tratando de casa penal. O centro de ressocialização em nada lembra uma penitenciária. Não há celas nem mesmo no regime fechado (...) A Secretaria de Administração Penitenciária faz uma seleção rigorosa entre as candidatas ao paraíso” (Campbell, 2023, p. 154), como se, em mais uma vez, Suzane tivesse lucrado ao assassinar os próprios pais.

Além disso, passou nove meses fora da prisão antes de ser submetida ao Tribunal do Júri, onde foi condenada, bem como foi capaz de dar uma entrevista para o Fantástico, tentando buscar uma humanização perante o público, mas que acabou reforçando seu caráter manipulador. A sua entrada na Penitenciária Feminina I Santa Maria Eufrásia Pelletier, mais conhecida como Tremembé ou “prisão das estrelas”, é abordada no capítulo oito, Um bonde para Tremembé, local visto como ainda melhor que o CRF, com infraestrutura diferenciada e muito segura para as detentas. Dessa forma, mais uma vez, Suzane se destacou em privilégios.

O capítulo seguinte, Qualquer maneira de amor vale a pena, existe uma pausa na narrativa de Suzane para abordar sobre os irmãos Cravinhos e casos notórios que pertencem a Penitenciária de Tremembé, retomando a narrativa principal com o capítulo 10, O teste do borrão, iniciada com o primeiro dia de Suzane nesta penitenciária. Aqui, Campbell narra a escalada de Richthofen para se tornar uma estrela dos noticiários, uma vez que todas as suas “saidinhas” foram noticiadas, virou capa de jornal com o seu namoro com a “rainha de Tremembé”, Sandrão, e, posteriormente, tornou-se destaque no meio ao se tornar a própria “rainha” do presídio. Assim, Suzane foi capaz de finalizar o cumprimento em regime fechado como a soberana de seu reino particular. A partir de 11 de janeiro de 2023, passou a cumprir o resto da sua pena em liberdade e onde conseguiu montar o seu ateliê de costura e vendas de chinelos personalizados para todo o Brasil.

Assim, forma-se uma biografia sobre Suzane Von Richthofen a partir de seu silêncio. Isto não desqualifica a obra, mas destaca-se um cuidado maior para o seu consumo, uma vez que tal ausência também pode se configurar como estratégia narrativa, ocasionando em um reforço de estereótipos psicológicos e morais e com base no olhar de terceiros, envolvidos institucionalmente na punição ou na vigilância da condenada. Destarte, a biografia não autorizada flerta mais como um produto de entretenimento criminal do que de um exercício de investigação jornalística, focando no detalhamento da violência, na ênfase em elementos de sedução e manipulação, bem como explicações psicológicas

simplificadas. A figura de Suzane se torna um ente quase ficcional, ainda que ela seja real e esteja finalizando o cumprimento de sua pena, a qual deixa de se restringir ao sistema penal e escapa em uma punição sem prazo para finalizar para além dos muros da prisão.

REFERÊNCIAS

A MENINA Que Matou Os Pais - A Confissão. Direção: Mauricio Eça. Produção: Santa Rita Filmes. Brasil: **Galeria Distribuidora**, 2023. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt_PT/detail/0Q41G0HPYP0HHHG3U1393LISHV/ref=atv_dp_amz_c_TS8274d9_1_1?jic=16%7CCgNhGwSA2FsbA%3D%3D. Acesso em: 5 set. 2025.

A MENINA Que Matou Os Pais. Direção: Mauricio Eça. Produção: Santa Rita Filmes. Brasil: **Galeria Distribuidora**, 2021a. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt_PT/detail/A-Menina-que-Matou-os-Pais/0MQ13HFVR7WVLUJ9KIEOYS2MY7. Acesso em: 5 set. 2025.

ARAGÃO, Helena. **Gosto de sangue**. Carta Capital, 16 set. 2022. Cultura. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/gosto-de-sangue-2/>. Acesso em: 2 ago. 2025.

BARBOZA, Samara. **Não é apenas baseado em fatos reais**: O aumento da produção e consumo do gênero de *true crime*. Jornal O Casarão, Rio de Janeiro, 19 jun. 2023. Cultura e Entretenimento. Disponível em: <https://jornalocasarao.uff.br/2023/06/19/nao-e-apenas-baseado-em-fatos-reais-o-aumento-da-producao-e-consumo-do-genero-de-true-crime/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BRISOLLA, Fabio. Justiça proíbe lançamento de livro sobre Suzane von Richthofen. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/sociedade/justica-proibe-lancamento-de-livro-sobre-suzane-von-richthofen-24092052>. Acesso em: 29 jul. 2025.

CAMPBELL, Ullisses. **Coleção Mulheres Assassinas: Suzane - Flordelis - Elize Matsunaga**. São Paulo: Matrix. 2023.

CAMPBELL, Ullisses. **Elize Matsunaga – a mulher que esquartejou o marido**. São Paulo: Matrix. 2021.

CAMPBELL, Ullisses. **Flordelis – a pastora do diabo**. São Paulo: Matrix. 2022.

CAMPBELL, Ullisses. **Francisco de Assis – o maníaco do parque**. São Paulo: Matrix. 2024c.

CAMPBELL, Ullisses. **Suzane – assassina e manipuladora**. São Paulo: Matrix. 2020.

CAMPBELL, Ullisses. **Tremembé – o presídio dos famosos**. São Paulo: Matrix. 2025b.

MARTINES, Fernando. STF cassa decisão que proibia publicação de biografia de Suzane von Richthofen. **Conjur**, 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-dez-18/alexandre-suspende-censura-biografia-suzane-von-richthofen/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

O MENINO Que Matou Os Pais. Direção: Mauricio Eça. Produção: Santa Rita Filmes. Brasil: **Galeria Distribuidora**, 2021b. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt_PT/detail/0LV59J2EQ6V6BQ4IRBNFTJGBHW/ref=atv_dp_amz_c_TS8274d9_1_2?jic=16%7CCgNhGwSA2FsbA%3D%3D. Acesso em: 5 set. 2025.

TREMEMBÉ. Direção: Mauricio Eça. Produção: Amazon Prime Video. Brasil: **Galeria Distribuidora**, 2025.
Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Trememb%C3%A9/0LITSOECAHB2TZY1R8BFZER09I>. Acesso em: 31 out. 2025.

PERPETUAL PUNISHMENT OUTSIDE PRISON: A CRITICAL REVIEW OF *Suzane: assassina e manipuladora*

ABSTRACT: This review critically examines the unauthorized biography *Suzane: assassina e manipuladora*, by Ullisses Campbell, within the context of the growth of the *true crime* genre in Brazil and the transformation of crime into a form of entertainment. The analysis addresses the author's narrative bias, which tends toward the fictionalization of a human being and her life story, as well as toward a symbolic form of punishment that exceeds the limits of the criminal justice system. The review also discusses the media exploitation of the Richthofen family case and its legal implications, particularly regarding the perpetuation of punishment beyond the criminal sentence, personality rights, and freedom of expression.

KEYWORDS: True Crime; Personality Rights; Spectacularization of Crime.

EL CASTIGO PERPETUO FUERA DE LA CÁRCEL: UNA RESEÑA CRÍTICA SOBRE *Suzane: assassina e manipuladora*

Resumen: Esta reseña analiza críticamente la biografía no autorizada *Suzane: assassina e manipuladora*, de Ullisses Campbell, en el contexto del crecimiento del género *true crime* en Brasil y de la transformación del delito en producto de entretenimiento. Se aborda el sesgo narrativo del autor, que conduce a la ficcionalización de un ser humano y de su historia, así como a una forma de castigo simbólico que excede los límites del sistema penal. Asimismo, se discute la explotación mediática del caso de la familia Richthofen y sus impactos jurídicos, especialmente en lo que respecta a la perpetuación de la pena más allá de la sentencia condenatoria, los derechos de la personalidad y la libertad de expresión.

Palabras clave: True Crime; Derechos de la Personalidad; Espectacularización del Delito.